



DO CORPO-POESIA: A CULTURA DO HIP-HOP COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA E CORPORAL NO PIBID¹

Rhânia Camile de Sousa Silva ²
Rafaela Agnes de Sá dos Santos ³
Diego de Sousa Mendes ⁴

RESUMO

O presente trabalho consiste num relato de experiência oriundo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do subprojeto Educação Física da Universidade Federal de São João del Rei - MG, realizado em uma escola da Rede Pública da mesma cidade. O relato apresenta um trabalho criado na disciplina de Cultura Corporal de Movimento do Currículo Referência de Minas Gerais, com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental II do Ensino de Tempo Integral. Foram realizadas 12 intervenções com os(as) educandos(as) a partir do conteúdo Hip-Hop. O processo de ensino-aprendizagem foi construído com base na abordagem crítico-emancipatória de Kunz (2004) e na abordagem cultural, de Neira (2019). A ideia de trabalhar o conteúdo surgiu inicialmente com a proposta de debater corporeidade e sexualidade, encontrando no conteúdo Dança uma forma de levantar tais temáticas, em que o Hip-Hop se mostrou uma expressão cultural relevante no universo de significação e imaginário da turma. O intuito foi possibilitar que os(as) educandos(as) conhecessem o Hip-Hop como uma manifestação cultural, artística e corporal significativa dos saberes populares e urbanos, assim como também experimentassem os elementos que o compõem, tais como: o breakdance, o MC, o DJ e o Graffiti. Como todo processo de ensino-aprendizagem, as aulas acontecem de forma dinâmica e foram adaptadas conforme as necessidades da turma. A partir desse conteúdo, realizamos a criação de poesias, batalhas de rima e de breakdance, a criação de tags (assinatura) e uma oficina de Graffiti no muro da quadra. Além disso, houve a participação de um grafiteiro da cidade, o que possibilitou uma integração mais ampla dos(as) educandos(as) ao mundo do Hip-Hop e com saberes advindos de membros da comunidade externa à escola.

Palavras-chave: PIBID, Hip-Hop, Cultura de Movimento, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Ser uma professora de Educação Física envolve criar experiências corporais diversas aos seus educandos, buscando trabalhar com aspectos culturais e sociais, isto é, ir além do movimento enquanto expressão mecânica, concebendo-o também como estético, ético e político. Nesse sentido, a construção do processo de ensino-aprendizagem na Educação Física

1 Graduanda do Curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal de São João del Rei- MG, rания.silva05@gmail.com;

2 Graduanda do Curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade Federal de São João del Rei- MG, rafaelaagnes72@aluno.ufsj.edu.br;

3 Professor orientador: Doutor em Educação, Prof. Associado do Departamento de Ciências da Educação Física e Saúde da Universidade Federal de São João del-Rei - MG, diegomendes@ufsj.edu.br

4 A experiência contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) do Edital nº 10/2024 do Programa Nacional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, sendo o número do processo: 3038.001033/2024-21.



pode ser vivida por meio de uma práxis pedagógica crítica que, segundo Paulo Freire (2021, p. 52), “é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo.”. Quando se traz essa perspectiva para uma aula de Educação Física, a mesma passa a ser um espaço de diálogo crítico e transformador da realidade dos estudantes, deixando de lado uma mera repetição de gestos técnicos e indo em direção a construção de saberes por meio do movimento enquanto manifestação da cultura, trazida para dentro do contexto escolar - e nela reelaborada por meio da reflexão-ação.

Diante disso, a experiência apresentada neste texto retrata o trabalho com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II do Ensino de Tempo Integral, por meio do contato com uma manifestação cultural que se fazia presente na realidade daquela turma. O conteúdo escolhido foi a Dança Urbana, mais especificamente o Hip-Hop. Entretanto, foram englobados aspectos além do movimento ritmado que essa cultura produz, perpassando também pelos demais elementos artísticos que compõem o Hip-Hop, tais como: o breakdance, o MC, o DJ e o graffiti. O processo de ensino-aprendizagem se baseou tanto na abordagem crítico-emancipatória de Elenor Kunz (2004), quanto na abordagem cultural de Marcos Neira (2019), considerando aspectos comuns a estas abordagens pedagógicas, tal como a perspectiva cultural do movimento humano, visão política e social da função da educação física escolar e perspectiva dialógica e crítica de ensino (seja em relação à reprodução de modelos esportivos e midiáticos que alienam o sujeito de sua experiência corporal; e/ou aos discursos e representações que naturalizam normas de corpo, gênero, raça e desempenho), ainda que reconheçamos suas diferenças e nuances teórico-metodológicas.

A escola atendida fica situada num bairro periférico de São João del Rei - MG, sendo uma das escolas da cidade que recebe o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Essa experiência foi desenvolvida pelo subprojeto Educação Física a partir de duas pibidianas e com o auxílio da supervisora, dos coordenadores de área e de outros pibidianos. Além disso, a unidade curricular contemplada por este projeto foi a Cultura Corporal de Movimento⁵, que tem relação direta com os saberes da Educação Física escolar.

5 Política de segregação racial institucionalizado pela população branca na África do Sul de 1948 a 1994, que teve como principal figura de resistência Nelson Mandela. (Azevedo



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

A partir dessas considerações, o presente trabalho buscou apresentar uma experiência a partir da Cultura Hip-Hop, sendo uma forma de agregar nas práticas docentes da área da Educação Física escolar e de mostrar que a mesma é produtora de saberes significativos. Com isso, o processo de ensino-aprendizagem teve como intuito possibilitar que os estudantes se relacionassem com a Cultura Hip-Hop e se sentissem pertencentes a ela, tendo sido realizadas criações de poesias, batalhas de rima e de breakdance, produção de tags e uma oficina de Graffiti no muro da quadra da escola, com a participação de um grafiteiro da cidade, o que possibilitou uma integração dos educandos com o universo do Hip-Hop.

COMPREENDENDO A CULTURA DAS RUAS: O HIP-HOP

A Cultura Hip-Hop surge num contexto social conflituoso nos guetos negros de Nova York na década de 1970, se tornando o movimento negro e jovem mais importante da época, como aponta Spensy Pimentel em “O livro vermelho do Hip-Hop” (1997). A segregação até a década de 1960 estava por toda parte nos Estados Unidos (EUA), principalmente nos estados do sul onde a escravidão foi acentuada, com leis semelhantes a do apartheid⁶, tendo sido mobilizado muitos grupos de negros no país para eliminar tal segregação, sendo dois líderes destaque nessa luta por seus direitos: Malcom X e Martin Luther King.

Além disso, entre os anos de 1965 a 1975 os EUA entraram em guerra com o Vietnã, intensificando ainda mais o contexto político do momento. Segundo Pimentel (1997, n.p.), “Era a época da Guerra Fria, os americanos temiam que o comunismo dominasse o mundo. Por isso, o governo queria derrotar o exército comunista do Vietnã do Norte e manter o capitalismo no Vietnã do Sul.”. Havia muitos protestos contra essa guerra devido muitos jovens americanos terem morrido em combate e outros foram traumatizados por toda violência que viveram, muitos até mesmo mutilados. Entre esses jovens soldados, parte dos que voltaram eram negros e latinos. Essa população que voltou da guerra teve dificuldade de se reintegrar socialmente e até mesmo conseguir emprego, indo, assim, para a marginalização, sendo resultado dos traumas da guerra: “Além dos mutilados, vários viciados: nessa época, o consumo de drogas nos guetos como Bronx e Harlem aumentou bastante. Esses ex-combatentes também eram discriminados porque a população tinha visto pela TV que o exército fizera barbaridades no Vietnã.” (Pimentel, 1997, n.p.).

⁶ Cultura jamaicana de festas de rua com um conjunto de equipamentos de som de alta potência (paredão de som), DJs, MCs e dançarinos que tocam música caribenha (Prado, 2022). Nos EUA, o DJ Kool Herc adaptou sua cultura aos ritmos da época presentes nos guetos de Nova York, o Soul e o Funk.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Na obra de Pimentel (1997), o autor traz um trecho da tese de Elaine Andrade (1996), professora da Universidade de São Paulo, sobre a relação da Guerra do Vietnã e o Hip-Hop, descrevendo a aproximação do break, um dos elementos dessa cultura, aos protestos contra a guerra. Cada movimento de dança tinha como base a representação dos corpos debilitados pela guerra ou de objetos utilizados nos confrontos pelos mesmos soldados norte-americanos. No trecho da tese presente no texto em estudo, essa questão trazida é exemplificada por um dos movimentos de break, o “giro de cabeça”, que a pessoa realiza com a cabeça no chão e os pés para cima num movimento circular, trazendo em sua representação os helicópteros em ação durante a guerra.

Cabe pensar também no surgimento de outro movimento negro, o Partido dos Panteras Negras (Black Panthers), com uma proposta forte na época, a chamada Black Power (Poder Negro), exigindo “poder para decidir os rumos de sua própria comunidade, sem influência branca.” (Pimentel, 1997, n.p.). Entretanto, esse movimento sofreu fortes repressões, tendo tido quase todos os seus escritórios fechados por meio da violência da polícia norte-americana antes da década de 1970 (Pimentel, 1997). O Hip-Hop, como foi dito, é um movimento negro de resistência de muita importância, trazendo por meio da cultura uma forma de expressão e manifestação social desse povo, sendo a criação dessa cultura influenciada por esse contexto de lutas.

A Organização Black Panthers exercia forte influência entre os jovens negros, indicando-lhes a necessidade da organização grupal, da dedicação aos estudos e do conhecimento das leis jurídicas. Boa parte destes valores foram resgatados pelos membros do Hip-Hop, principalmente no Brasil, para combater os abusos de poder exercido pela instituição policial contra os negros. (Andrade *apud* Pimentel, 1997, n.p.)

Como se pode observar, a Cultura Hip-Hop surge justamente a partir do contexto dos povos negros nos guetos dos EUA, sendo marcado pelas lutas em busca de seus direitos e livre expressão. Pimentel (1997) ainda conta que o breaker Crazy Legs, ao vir para o Brasil, na cidade de São Paulo, teria afirmado que muitos dos primeiros break boys (b.boys), rappers e grafiteiros - artistas do Hip-Hop - eram os irmãos mais novos dos Panteras Negras, demonstrando a influência que os movimentos negros tiveram e ainda tem dentro dessa cultura.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

O Hip-Hop acaba tendo sua origem por meio do Soul e do Funk, com James Brown cantando "*Say it loud: I'm black and proud!*" (Diga alto: sou negro e orgulhoso!) - frase de Steve Biko, líder sul-africano -, e o Funk com suas batidas bem expressivas, influenciando até os bailes do Rio de Janeiro e São Paulo no Brasil (Pimentel, 1997). O autor (n.p.) ainda aponta que “como o povo preto dos EUA estava cada vez mais consciente socialmente, devido a toda a luta política, cada vez mais cantava idéias de mudança de atitude, valorização da cultura negra, revolta contra os opressores.”. Entre as festas de rua nos guetos estadunidenses, no meio do Funk e do Soul, o DJ Jamaicano Kool Herc trouxe de seu país a técnica dos famosos *sound systems* de Kingston⁷, recitando seus versos improvisados sobre partes instrumentais das músicas mais populares no Bronx.

Essa perspectiva conta uma pequena parte de como a Cultura Hip-Hop foi se formando, trazendo o RAP como parte da sua essência, sendo esse Ritmo e Poesia difundido entre os principais elementos dessa cultura, isto é, “É no improviso das músicas que surge uma nova sonoridade, um novo estilo de dança e novos personagens, que, com diferentes formas de expressão, começaram a denunciar a sua realidade.” (Araújo; Prodóximo, 2022, p. 02). O Hip-Hop compõe música, arte e dança - diferentes modos de ser corpo -, sendo essa cultura formada pelos seguintes elementos: o MC (Rapper), a pessoa que canta o RAP; o DJ, *Disc Jockey*, que opera os discos e faz a base das músicas; o break, um estilo de dança; e o grafitti, como uma forma de expressão artística em muros, paredes e qualquer outro espaço vazio na cidade. “Grafiteiros, breakers e rappers não tardaram a realizar as primeiras atividades conjuntas, afinal era nada menos que o natural, eles conviviam no mesmo espaço, eram todos jovens, marginalizados, pobres, tinham os mesmos problemas, desejos e gostos.” (Pimentel, 1997, n.p.).

Essa cultura de rua, tendo se iniciado a partir de movimentos negros como forma de resistência e expressão corporal e artística sobre a realidade daquele povo, se difundiu para outros países, incluindo o Brasil. As músicas, as danças, as gírias, as gestualidades e as vestimentas demonstram o Hip-Hop presente entre parte da população brasileira, principalmente nas periferias, onde o contexto social de negros e pobres se relaciona com o que essa cultura expressa. Com isso, a Cultura Hip-Hop sendo uma manifestação corporal se

⁷ Unidade curricular como parte da grade de atividades integradoras no Ensino Integral conforme a Resolução SEE Nº 5.084, de 21 de outubro de 2024 (MINAS GERAIS, 2024).



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

torna legítima dentro dos saberes da Educação Física e da Cultura de Movimento, sendo uma prática corporal significativa para a formação de educandos.

METODOLOGIA

Este trabalho é caracterizado como um relato de experiência, de caráter qualitativo, do tipo descritivo. Foi realizado em uma escola pública da Rede Estadual⁸ de São João del Rei entre o final de maio e início de julho de 2025. A experiência aconteceu em uma turma de 7º ano, composta por 21 alunos, sendo que as aulas ocorriam nas quartas e quintas-feiras no turno da manhã, majoritariamente no auditório da escola. A ideia de trabalhar tal temática surgiu da vontade de promover inicialmente reflexões sobre corporeidade e sexualidade junto aos estudantes, utilizando a Dança como meio de expressão e diálogo sobre uma temática que se relaciona com as vivências dos estudantes.

A experiência pedagógica foi fundamentada a partir da abordagem crítico-emancipatória de Elenor Kunz (2004), que tem como intuito consolidar a autonomia e engajamento crítico entre os estudantes, buscando fazer deles os protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, oportunizando a conscientização crítica e a emancipação dos mesmos. Em concomitância a essa metodologia, tem-se como objetivo trabalhar a partir dos princípios da abordagem cultural de Marcos Neira (2019), que propõe compreender os conteúdos como expressões culturais que carregam significados históricos e sociais. Ao adotar essas abordagens na experiência com a Cultura Hip-Hop, o objetivo não foi apenas ensinar movimentos ou técnicas, mas conhecer os elementos do Hip-Hop (dança, música, arte, linguagem) como manifestações culturais significativas dos saberes populares e urbanos, além de estimular a crítica e a reflexão social sobre temas como racismo, corporeidade e resistência presentes nessa cultura.

A experiência aconteceu ao longo de 12 intervenções, sendo as temáticas do plano de ensino construídas a partir dos elementos do Hip-Hop: o breakdance, o DJ, o MC e o grafitti, assim como também sua contextualização e os significados que essa cultura produz. As aulas foram pensadas a partir do texto de Spensy Pimentel (1997), que conta parte da história do Hip-Hop e como os elementos dessa cultura são manifestados, de modo que foi possível pensar em diferentes formas de possibilitar que a turma experimentasse as práticas do Hip-

⁸ A escola contempla 651 matrículas, segundo o Censo Escolar 2024, Inep (QEDU, 2024), oferecendo o Ensino Regular para as etapas do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Especial, e ainda possui o Ensino de Tempo Integral apenas para o Ensino Fundamental.



Hop e sentissem que essa cultura é parte da realidade deles. Para agregar saberes as aulas, foi convidado um grafiteiro da cidade para contar sua história no graffiti e como essa prática artística está presente na Cultura Hip-Hop, possibilitando ainda a produção de um graffiti coletivo na escola, criado pelo artista, pela turma, por pibidianos voluntários e pela supervisora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As aulas aconteceram a partir da intenção de possibilitar que os educandos experimentassem, conhecessem e se relacionassem com a prática artística e corporal da Cultura Hip-Hop. Ademais, o intuito da construção dos saberes também se voltou para a compreensão da Cultura Hip-Hop como forma de resistência social e racial, a partir de seu contexto histórico e de suas expressões artísticas, bem como possibilitar uma transposição dessa cultura para o contexto e realidade da turma atendida, de modo a favorecer a percepção de como o próprio corpo se relaciona com elementos dessa manifestação cultural e com os corpos dos demais colegas. Por último, buscamos incentivar que a turma criasse uma expressão própria do Hip-Hop, seja por letras musicais, poesias, dança ou pelo grafite.

A primeira aula teve como objetivo introduzir a temática do Hip-Hop. Realizada no auditório da escola, apresentou a proposta de trabalho e promoveu a integração entre os alunos e as professoras pibidianas. A atividade principal foi a “Dinâmica da Linha”, em que os estudantes, organizados em roda, respondiam perguntas sobre seu nome, música ou cantor/banda preferido e uma palavra que associavam ao Hip-Hop, enquanto passavam um fio de barbante entre si. A dinâmica buscou conhecer os gostos musicais da turma e suas percepções iniciais sobre o tema. As respostas mostraram forte ligação com o cenário musical brasileiro, especialmente com MCs e rappers atuais. As palavras associadas ao Hip-Hop foram reunidas em uma nuvem digital projetada em tempo real, revelando que a maioria dos alunos relaciona o movimento à música. A atividade serviu de base para o planejamento das aulas seguintes, aproximando o conteúdo da realidade dos estudantes.

Posteriormente, na segunda aula, os alunos foram divididos em três grupos e levados ao auditório, onde foi montada uma exposição sobre a Cultura Hip-Hop. O espaço foi decorado com textos, rimas, imagens de grafiteiros, rappers, DJs, letras de músicas e um vídeo com apresentações de breakdance, criando um ambiente imersivo. Inicialmente, os alunos circularam livremente pela exposição. Em seguida, participaram de um jogo em grupos com





11 enigmas e perguntas cujas respostas estavam nos materiais expostos. A atividade exigiu investigação, leitura e interpretação, incentivando o engajamento com os elementos históricos e culturais do Hip-Hop. Ao final, uma roda de conversa permitiu conferir as respostas, discutir os enigmas e refletir sobre a experiência. Os alunos compartilharam suas impressões, comentaram se já conheciam a história do Hip-Hop e avaliaram positivamente a proposta. A aula aprofundou o conhecimento dos estudantes sobre os quatro elementos e a origem dessa cultura, possibilitando visualizá-la como um movimento de resistência negra e enxergá-la como uma manifestação artística plural, indo além da música.

Nas aulas três e quatro, o foco foi o RAP e à atuação do MC, com atividades voltadas à expressão criativa por meio da poesia e reflexões sobre corporeidade e sexualidade. Na terceira aula, os alunos participaram de uma roda de conversa sobre RAP e MC, seguida da criação de poesias em grupo com os temas “Corpo, identidade e autoestima” e “Respeito ao meu corpo e ao do outro”. Houve dificuldades na escrita e no trabalho coletivo, principalmente pela timidez, não conseguindo concluir as poesias. Já na quarta aula, o ambiente foi adaptado para facilitar essa criação. Os alunos receberam explicações sobre poesia e rima, ouviram duas poesias autorais das professoras sendo recitadas por dois alunos, e posteriormente os grupos foram reorganizados, de modo que receberam palavras-chave para apoiar o desenvolvimento das ideias. Com o suporte da supervisora, da professora de apoio e de uma pibidiana em processo de observação, todos conseguiram elaborar suas próprias poesias.

Na quinta aula, deu-se continuidade ao trabalho com os elementos do Hip-Hop, com foco na batalha de rima e na atuação do DJ, que confere ritmo à poesia. A atividade ocorreu no auditório, iniciando com a exibição de um vídeo sobre batalhas de rima para ampliar a compreensão e estimular a escuta crítica. Após a exibição, houve uma roda de conversa para a troca de impressões e conhecimentos prévios. Em seguida, os grupos escolheram um beat que combinasse com as poesias criadas nas aulas anteriores, utilizando uma playlist do Spotify. Com os beats definidos, iniciou-se a “Batalha de Poesias”, na qual um representante de cada grupo recitou sua composição ao som da base escolhida, em três rounds correspondentes às estrofes. A atividade valorizou a expressão oral, criatividade e musicalidade, permitindo aos alunos vivenciar a experiência de serem rappers.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Na sexta aula, foi introduzido o elemento breakdance, com o objetivo de proporcionar aos alunos uma vivência corporal diferenciada e ampliar a compreensão sobre os componentes da cultura Hip-Hop. A atividade ocorreu no auditório, com cada aluno recebendo um tatame para facilitar os movimentos. A aula começou com uma roda de conversa sobre experiências prévias com o breakdance, seguida da exibição de um vídeo com passos básicos divididos em Toprock, Footwork e Freeze. Os alunos foram convidados a reproduzir os movimentos conforme suas possibilidades, respeitando seus limites. Ao final, foi realizada uma batalha de improvisação, na qual os alunos escolheram entre rimas ou movimentos de breakdance. Para auxiliar nas rimas, foram distribuídas palavras como “inclusão”, “amizade”, “acolhimento”, “respeito” e “coletividade”. Apesar da timidez de alguns, muitos participaram como plateia ativa e outros se desafiaram na improvisação.

Na sétima aula, foi dada continuidade ao trabalho com o elemento do Hip-Hop relacionado ao breakdance, visando ampliar o repertório corporal dos alunos e aprofundar a compreensão dos grupamentos: Toprock, Footwork e Freeze. A atividade ocorreu no auditório, com novos vídeos tutoriais e prática simultânea dos movimentos, utilizando tatames individuais. A aula começou com prática guiada, mas a participação foi prejudicada pela dispersão e dificuldade de concentração dos estudantes. Apesar disso, parte dos alunos se envolveu com a proposta. Ao final, houve uma batalha de breakdance com base musical, na qual os alunos duelaram com movimentos improvisados. Embora a adesão tenha sido parcial, a atividade permitiu que alguns estudantes se desafiassem corporalmente e vivessem a dinâmica de uma batalha.

Já na oitava aula, foi abordado o último dos quatro elementos da cultura Hip-Hop: o graffiti. Para proporcionar uma experiência significativa, foi convidado um estudante do curso de Artes Aplicadas da UFSJ e grafiteiro atuante, que participou presencialmente da aula após reunião prévia. Ele conduziu uma roda de conversa com os alunos, apresentando a história do Hip-Hop e destacando o graffiti como forma de expressão visual. Compartilhou sua trajetória no graffiti, explicou estilos contemporâneos dessa arte urbana e realizou uma oficina ensinando a criar *tags*, assinaturas estilizadas que representam a identidade do artista urbano. Os alunos demonstraram interesse e engajamento, interagindo com perguntas e pedindo que o grafiteiro escrevesse seus nomes em estilo graffiti.

Na aula seguinte, foi dada continuidade à proposta sobre o elemento do graffiti, mantendo a atividade focada na criação individual de *tags*. A aula começou com uma roda de



conversa para retomar os conceitos do graffiti, destacando as *tags* como forma de expressão pessoal. Foram apresentados estilos de letras e modelos de assinatura para inspirar os alunos. Em seguida, os estudantes criaram suas próprias *tags* com papel e materiais diversos, de forma livre e personalizada. O auditório foi preparado com tatames para acomodação confortável e autonomia na atividade. Houve grande engajamento, inclusive de alunos mais tímidos, evidenciando o potencial da arte urbana como ferramenta de inclusão e expressão. As professoras acompanharam os grupos, oferecendo suporte e incentivo, fortalecendo o vínculo com os estudantes. Ao final, cada aluno concluiu sua *tag*, refletindo sua identidade e estilo pessoal.

Na décima aula, foi retomada a participação do grafiteiro convidado, proporcionando aos alunos uma experiência artística enriquecedora sobre o graffiti. A atividade teve início em sala de aula, onde os estudantes apresentaram as *tags* produzidas na aula anterior. O grafiteiro observou todas as criações, oferecendo sugestões de aprimoramento quanto à composição e estilo. Posteriormente, a turma foi conduzida ao auditório, onde se organizou em roda para uma nova interação com o artista. Nesse momento, o convidado demonstrou ao grupo o processo de construção de uma letra em um dos estilos característicos do graffiti, explicando os traços, variações e técnicas utilizadas. Em seguida, os alunos foram convidados a criar uma nova *tag*, contando com o acompanhamento direto do grafiteiro, que ofereceu orientações individualizadas durante a atividade. Além da prática artística, foi proposta a construção coletiva de uma obra de graffiti, a ser desenvolvida em formato de oficina. A proposta visava representar a identidade dos alunos do 7º ano por meio da arte urbana, promovendo o sentimento de pertencimento e valorizando a expressão individual e coletiva no ambiente escolar.

Na décima primeira aula, foi realizada uma oficina prática de graffiti, durante a aula da professora de Arte, que cedeu seu tempo em apoio ao projeto. A atividade teve como objetivo proporcionar aos alunos uma vivência concreta da arte urbana, consolidando o graffiti como um dos pilares da cultura Hip-Hop. Dias antes, as professoras e alguns alunos preparam a parede da quadra com tinta branca para receber a intervenção artística. No dia da oficina, o grafiteiro orientou a execução da obra, elaborando um esboço que representasse a identidade da turma do 7º ano. O mural foi dividido em três partes: à esquerda, a frase “Você é do tamanho do seu sonho”, dos Racionais MC’s (Rappers brasileiros); à direita, o nome popular





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

da escola, “Iago Pimentel”; e ao centro, o espaço para que cada aluno deixasse sua *tag*. Os estudantes participaram ativamente com tinta, pincel e spray. A oficina contou com apoio dos pibidianos de Educação Física e autorização da gestão escolar, reforçando o compromisso com práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas.

Na décima segunda aula, foi realizada a etapa de encerramento do projeto pedagógico sobre a cultura Hip-Hop com os alunos do 7º ano do Ensino de Tempo Integral. A proposta teve como objetivo promover reflexão, reconhecimento e gratidão, consolidando os aprendizados adquiridos. Os alunos elaboraram cartas, desenhos ou frases de agradecimento ao grafiteiro, cuja colaboração foi essencial. A atividade gerou grande envolvimento, ocupando todo o tempo da aula e revelando o valor simbólico do gesto. Ao final, as produções foram recolhidas para entrega ao grafiteiro, e houve um momento de despedida marcado por escuta e valorização das trajetórias. A aula reafirmou o papel da cultura Hip-Hop como ferramenta educativa e de expressão, encerrando o projeto de forma sensível e significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse relato de experiência, compreende-se a relevância de uma perspectiva culturalista para a área de Educação Física, entendendo que a mesma é produtora de saberes significativos para a formação humana dos educandos, até mesmo nos itinerários formativos do novo currículo referência de Minas Gerais. A partir da vivência com os alunos do 7º ano, por meio da abordagem dos elementos da cultura Hip-Hop, foi possível observar uma intensa troca de saberes entre os estudantes, pibidianos e membros da comunidade externa, em que os estudantes não apenas aprenderam novos conteúdos, mas também contribuíram com suas próprias experiências, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem.

Essa vivência proporcionada pelo PIBID na escola campo foi extremamente gratificante, permitindo trabalhar com um conteúdo até então inédito e desafiante para as professoras pibidianas, a dança. Foi possível construir um percurso marcado pelo empenho, pela escuta e pela valorização dos saberes dos estudantes. Essa atuação reafirmou que o trabalho docente vai além da transmissão de conteúdos: trata-se de acolher, adaptar-se, transformar e construir conhecimento em diálogo com a realidade dos alunos.

Diante da experiência construída, nota-se que a Cultura Hip-Hop faz parte dos conteúdos da Educação Física e que a mesma traz em sua essência artística a resistência do povo negro apontada por Spency Pimentel (1997), não só nos EUA, como também no Brasil,



tendo sido possível vivenciar esses saberes por meio das experiências corporais proporcionadas nesse processo de ensino-aprendizagem. Com isso, esse projeto demonstrou que, quando o ensino se conecta com a realidade dos estudantes, torna-se mais significativo, transformador e capaz de promover aprendizagens duradouras.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Diante disso, cabe agradecer a CAPES por possibilitar a participação no Programa Nacional de Bolsas de Iniciação à Docência que trouxe experiências pedagógicas necessárias para a carreira docente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marília Camargo; PRODÓCIMO, Elaine. Práticas pedagógicas do hip-hop nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Movimento**, [S. l.], v. 28, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/126383>. Acesso em: 05 out. 2022.

AZEVEDO, Beatriz. Na África do Sul, cultura foi um importante mecanismo de combate ao Apartheid. **Jornal da USP**, São Paulo. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/na-africa-do-sul-cultura-foi-um-importante-mecanismo-de-combate-ao-apartheid/>. Acesso em: 02 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação (SEE). **Resolução SEE n.º 5.084, de 21 de outubro de 2024** (República). Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/wp-content/uploads/2024/11/5084-24-r-Republicacao.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2. ed. Jundiaí: Paco, 2019.

PIMENTEL, Spensy. **O livro vermelho do Hip-Hop**. 1997. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Escola de Comunicação e Artes da USP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PRADO, Ágatha. A cultura do Sound System: o significado para além da pressão sonora. **Alataj**, [S. l.], 30 jun. 2022. Disponível em: <https://alataj.com.br/editorial/a-cultura-do-sound-system-o-significado-para-alem-da-pressao-sonora>. Acesso em: 5 out. 2025.

QEDU. **Censo Escolar**. 2024. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/31134716-ee-professor-iago-pimentel/censo-escolar>. Acesso em: 20 out. 2025.